

Realidade de Mulheres Excluídas: Possibilidades de Mudança a Partir de um Trabalho de Educação em Saúde

Área Temática de Saúde

Resumo

O trabalho descreve uma experiência de extensão da Escola de Enfermagem da UFMG, na qual realizamos atividades educativas junto a mulheres com trajetória de vida nas ruas, em Belo Horizonte/MG. Temos por objetivo: promover espaços educativos de reflexão sobre o processo saúde-doença visando o autocuidado; estimular auto-estima das mulheres e aprimorar conhecimentos e habilidades discentes na área de educação em enfermagem. Estamos no quarto ano de desenvolvimento do projeto e, nesse período, pudemos constatar que o aproveitamento é mais efetivo quando trabalhamos numa abordagem centrada mais na saúde e menos na doença. Utilizamos uma metodologia participativa, fundamentada nos princípios de Paulo Freire, além de vasto referencial bibliográfico, o que contribui para a formação das estudantes. Nos encontros são abordados temas do cotidiano das mulheres, de acordo com suas necessidades e sugestões, buscando o interesse, envolvimento e conscientização. Quanto à avaliação, essa tem sido muito positiva junto às mulheres, às acadêmicas e à instituição. Já podemos identificar algumas mudanças no comportamento das participantes quanto aos cuidados pessoais; cuidados com a sua saúde, bem como nas relações sociais e de convívio. Dentre essas relações, enfatizamos a importância do resgate dos valores de cidadania que lhes foram perdidos ao longo de suas vidas.

Autores

Patrícia de Oliveira Salgado - Aluna de Enfermagem, bolsista do projeto de extensão

Cristina Rabelo Flôr - Aluna de Enfermagem, voluntárias do projeto de extensão

Eliana Aparecida Villa - Enfermeira, professora assistente da Escola de Enfermagem, mestre, orientadora do trabalho.

Luana Dantas Nunes de Almeida - Aluna de Enfermagem, voluntárias do projeto de extensão

Thaís Lima Santiago dos Reis - Aluna de Enfermagem bolsista do projeto de extensão.

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Palavras-chave: saúde; mulher; educação.

Introdução e objetivo

O projeto Práticas Educativas na Atenção à Saúde de Mulheres tem sido realizado desde abril de 2001, através de ações educativas desenvolvidas na República Maria Maria, local que abriga mulheres com trajetória de vida nas ruas. É um projeto de extensão do Centro de Extensão da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi desenvolvido inicialmente por estudantes voluntárias e, atualmente conta com duas bolsistas e duas voluntárias do curso.

Segundo o Fórum de População de Rua (93/96:6), considera-se como população de rua: “O segmento da população de baixa renda, de idade adulta que, por contingência temporária ou permanente, pernoita em logradouros públicos, tais como praças, calçadas, marquises, baixios de viadutos, em galpões, lotes vagos, prédios abandonados e albergues

públicos. O conceito abrange ainda crianças e adolescentes, desde que em companhia das respectivas famílias”.

A República Maria Maria é um equipamento da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, fundada em julho de 2000. É uma instituição caracterizada como moradia provisória que acolhe, em média, cinquenta mulheres e, no momento, sete crianças. A instituição é mantida pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e dirigida por um grupo de profissionais autônomos através do Programa para a População de Rua. Além do caráter de moradia, tem como proposta a reinserção das mulheres na sociedade por diferentes formas: regulamentação da documentação pessoal, encaminhamento para emprego ou ocupações, cursos profissionalizantes, ou seja, meios que possibilitem a sua subsistência, culminando com uma saída definitiva das ruas.

As regras e normas da casa foram desenvolvidas juntamente com as moradoras, tais como: a organização de horários (refeições, entrada e saída da casa); utilização de aparelhos; normas de convívio e normas para as visitas. Como proibições, destacam-se o uso de drogas, incluindo o álcool, e a permanência de companheiros (as) na República. As tarefas de limpeza, arrumação e refeições são de responsabilidade das mulheres, que se revezam nos trabalhos mediante uma escala semanal.

Através da construção do perfil das moradoras, realizada pelas acadêmicas no ano de 2003, constatou-se que 36,84% das mulheres se encontram numa faixa etária produtiva; 44,73% são nascidas no interior de Minas Gerais; 63,15% possuem ensino fundamental incompleto; 60,52% delas foram morar nas ruas devido à presença de problemas familiares (abandono e conflitos) e grande parte é acometida por algum tipo de afecção a saúde, destacando-se que 57,89% apresentam sofrimento mental. Verificamos, portanto, que o público estudado apresenta características coerentes com os dados do Censo de População de Rua (1998), que deflagra as situações de exclusão, opressão e vulnerabilidade.

Segundo D’Incao (1993), o homem de rua é uma pessoa que foi pouco a pouco perdendo seus territórios. Resta-lhe como último território ou espaço de defesa, seu corpo. Um corpo que está doente e requer cuidados. Trata-se de pessoas que perderam as suas raízes quando saíram de casa em busca de uma vida melhor. Nessa busca, que não cessa, vão perdendo também o sonho ou, de um outro ângulo, o futuro. Essa visão de homem de rua como resultado de um processo de perdas sucessivas permite entender melhor seus comportamentos.

Diante dessa realidade, justificamos nosso trabalho na República Maria Maria, uma vez que dentro do contexto de vida deste público, vimos a possibilidade de desenvolver uma proposta de educação. O trabalho educativo, sob a ótica de que todos aprendem e, ao mesmo tempo, todos ensinam, tem-nos mostrado as ricas possibilidades contidas em cada uma das mulheres, que nos surpreendem a cada nova ação educativa.

Além disso, sabemos que cabe ao enfermeiro, dentre muitas outras funções, intervir em fatores relacionados ao comportamento da população de forma preventiva, ou seja, educar para que o estilo de vida esteja adequado à manutenção da saúde, mantendo-se atento. Neste sentido, Villa (2000) coloca que o enfermeiro não tem como se manter alheio às precárias condições de vida das pessoas que interferem no processo saúde-doença e para isso deve ter uma prática educativa que é inerente ao trabalho do profissional.

Sendo assim, temos por objetivos: promover espaços de reflexão sobre o processo saúde-doença, através de um enfoque positivo; sensibilizar as mulheres quanto à importância do autocuidado e suas implicações para a melhoria da qualidade de vida; valorizar as características pessoais dos indivíduos envolvidos no processo, estimulando a auto-estima e o resgate de autonomia; resgatar a cidadania através da ressignificação de valores; aprimorar os conhecimentos e habilidades discentes na área de educação popular em saúde.

Metodologia

Dois enfoques são fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho: a concepção metodológica do processo ensino-aprendizagem que o sustenta e a compreensão do mundo-vida da população envolvida. Freire (2002) nos diz: “o educador deve valorizar as experiências do educando para fazê-lo refletir sobre as mesmas, inserindo conteúdos relacionados ao contexto em que vive e outros, possibilitando-lhe, assim, ampliar o conhecimento”.

Através de ações educativas discutimos as possíveis estratégias de intervenção, por meio de práticas de cunho crítico e emancipatório, utilizando pedagogias participativas, fundamentadas na concepção problematizadora de educação (Freire, 2002).

As ações acontecem quinzenalmente, estando presente, em média, um número de 12 a 15 participantes. Para sua realização, os temas são levantados junto às moradoras, segundo seus interesses, necessidades e sugestões, mediante demandas observadas pelas facilitadoras e, quando necessário, por sugestão da coordenação da República, contando sempre com a aprovação das mulheres. Durante cada encontro discutimos os temas relacionados ao cotidiano das moradoras, buscando o envolvimento, a reflexão e a sensibilização para uma possível conscientização e mudança de hábitos das mesmas. Acreditamos que é preciso construir o processo de “aprender a aprender”, que se centra na aprendizagem como forma de construção do conhecimento (Monteiro, 2000). Tal fato se deve ao entendimento de que um planejamento pedagógico não deve ser feito somente por um dos pólos nele interessados. Se fosse assim, a dialogicidade da educação romperia e cair-se-ia numa concepção bancária de educação (Freire, 1979).

A utilização da “Oficina” como metodologia fundamenta-se em Afonso (2000): “Consiste em um trabalho estruturado com um grupo, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir”.

Essa metodologia usa informação e reflexão, trabalhando com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido. Vale ressaltar que deve ser um trabalho aceito pelo grupo, nunca imposto. Tal método requer do coordenador sensibilidade e criatividade na elaboração das estratégias, pois disto depende o sucesso do resultado final que é a mudança de comportamento. O trabalho educativo por meio de oficina visa atender à demanda das moradoras da República por temas específicos que afligem, no momento, boa parte das mulheres. Durante os encontros serão discutidos temas, tais como: a gestação, o parto, os primeiros cuidados com os bebês e a alimentação materna, do recém nascido e da criança.

O processo avaliativo é realizado em várias instâncias e em diferentes períodos: pelas mulheres participantes a cada atividade educativa e finalizando o semestre de trabalho; pelas discentes e docente, mensalmente – são avaliados o desenvolvimento das ações, por meio dos relatórios descritivos, discussões da fundamentação teórica, aproveitamento geral e desenvolvimento de projetos paralelos e junto aos coordenadores da Instituição semestralmente.

Resultados e discussão

O trabalho educativo tem proporcionado a nós, acadêmicas, e às moradoras, momentos de intensas reflexões e transformações. Essa experiência tem nos auxiliado na compreensão e na valorização dos sentimentos, das emoções, dos desejos e superações de medos. O processo de elaboração, implementação e avaliação das ações tem nos permitido evitar a reprodução, a repetição e a rotinização das atividades, buscando cada vez mais o novo.

O uso de uma metodologia participativa aumenta a proximidade entre as mulheres e as estudantes, o que enriquece os encontros. Temos como programação para essa etapa do projeto abordar as seguintes temáticas: insolação; sexo seguro – gravidez, Aids, sífilis, gonorréia, dentre outras DSTs; higiene pessoal e do ambiente; sistema circulatório; alcoolismo; alimentação; autocuidado etc.

Durante as ações buscamos promover o diálogo entre as participantes. Segundo Machado (2003), o diálogo é o principal instrumento para a construção do conhecimento individual e coletivo, bem como para a resolução de problemas da educação, gerados pelo embate histórico entre aqueles que podem aprender, sustentados por um mundo da desigualdade social, e aqueles que não podem, marginalizados pelo mesmo mundo. Nesse sentido, as participantes trazem seus relatos de experiência demonstrando conhecimentos e habilidades que muito contribuem para o desenvolvimento das ações. Fazem também colocações de ordem pessoal, mostrando confiança no grupo de educadoras.

A partir da realidade vivenciada por elas, problematizamos suas falas com o objetivo de valorizar e incentivar a troca de saberes, proporcionar uma maior integração do grupo e construir novos conceitos sobre os já existentes. As ações são, muitas vezes, norteadas pelas falas das moradoras, num processo de compartilhamento entre educadores e educandas. São falas simples, mas notadamente cheias de significado, tais como: “Toda vez que engravida nasce outra placenta?”; “Não é só quando está doente que agente tem que ir ao medico?”; “O preventivo mostra direto o câncer?”; “Ficar muito tempo no sol pode fazer ter dor de cabeça”.

O trabalho com reconstrução de valores, envolvendo a metodologia participativa, é algo desafiador e que requer muita coragem, pois optar pela repetição do que já dominamos é muito mais fácil do que optar pelo imprevisto, pelo instigante. Assim, são muitas as ferramentas que usamos para fazer das ações vivências emancipatórias e inesquecíveis. Utilizamos como estratégias de ensino-aprendizagem formas que facilitam a compreensão e a participação ativa das mulheres durante as ações. São elas: encenações interativas, dinâmica de “Acordar o Corpo” (exercícios de respiração acompanhados de movimentos corporais), atividade de alongamento, teatro de fantoches, dança, atividades de pinturas e desenhos, discussão em grupo através de interpretação de figuras, objetos e fotos, simulações de situações, massinha, música, e outras.

A participação de um mesmo grupo de mulheres em todas as ações educativas motivamos cada vez mais a construir estratégias e recursos didáticos inovadores que, constatamos, lhes chamam a atenção, despertam seus interesses e contribui na concentração para o desenvolvimento de alguns temas. Dessa forma, lentamente, conseguimos estabelecer vínculos, promover a interação com as participantes e discutir saúde, e não doença, promovendo a construção de conceitos que nos fazem analisar a nossa visão de mundo e a forma de como interagimos nele. Vale ressaltar que os problemas de saúde mental que afetam um grande número das moradoras influenciam em nossas práticas educativas, principalmente em momentos de dispersão, desinteresse ou crise de alguma moradora. Mas, ao mesmo tempo, nos incentiva a inovar as estratégias e elaborar recursos mais interessantes para trazê-las ao momento educativo, torná-las protagonistas de seu aprendizado e proporcionar a compreensão de que é possível amenizar suas angústias e suas carências coletivamente.

Assim, acreditamos que lidar com o concreto, com o palpável é uma das melhores maneiras de promover a conexão do saber trazido pelas mulheres com os conhecimentos científicos trabalhados durante as ações. Além disso, os elementos do psicodrama pedagógico nos auxiliam na tentativa de resgate dos valores de cidadania que foram podados ao longo da vida destas. Percebemos que elas se sentem muito à vontade em falar sobre os assuntos abordados e, além disso, é nítida a constatação de que elas são capazes de construir conhecimento próprio sobre estes assuntos: “O mofo é ruim para a alergia, porque ataca os pulmões”, “Para o dente ficar bonito tem que escovar e passar fio dental”. Contudo, algumas

ainda demonstram resistência em participar, afirmando que já possuem informação suficiente sobre os temas abordados: “Eu vou deixar espaço para outra! Eu trabalhei na casa de um médico e já sei tudo isso aí!”.

No decorrer das atividades foram várias as situações em que as mulheres demonstraram através de suas falas conhecimentos e habilidades até então inimagináveis. Em seus relatos, cheios de experiência de vida, muitas vezes de vida sofrida, temos tido verdadeiras “aulas”. Tais fatos nos têm motivado cada vez mais a trabalhar esses conhecimentos, de modo lento e gradual, respeitando o ritmo e as limitações das educandas e ressaltando as suas capacidades. A cada momento nos surpreendemos mais com as moradoras, o que vem nos confirmar, na prática, a afirmação de que o educador sempre aprende, enquanto ensina (Freire, 2002). Nesse sentido, acreditamos que “a educação não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a um e a outro e que é visto de maneiras diferentes e de pontos de vista diferentes. As diferentes visões do mundo são impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças que fornecerão a base para o conteúdo programático da educação”.(Freire, 1979).

Buscando atender às particularidades de algumas mulheres, sentimos a necessidade de um espaço para uma orientação individual, que tem sido realizada quinzenalmente, com a mesma atenção e dedicação dadas às ações educativas.

Além disso, no princípio desse ano, através de visitas informais à República Maria Maria, percebemos a necessidade de implementar uma oficina para trabalhar temas como a maternidade e os cuidados com o bebê, já que havia um número considerável de gestantes e mães com valores e conceitos distorcidos. Esse trabalho irá complementar as demais atividades e terá por objetivo principal contribuir para solucionar as principais dúvidas das participantes, além de ressaltar pontos importantes do cuidado materno-infantil.

Todo processo de desenvolvimento do projeto está fundamentado no estudo e discussão de vasto referencial bibliográfico. Desse modo, as estudantes tiveram oportunidade de investir em estudos relativos aos conteúdos abordados nas ações educativas, ao conhecimento da população envolvida, ao processo ensino-aprendizagem, à educação de jovens e adultos e às dinâmicas de grupo, o que tem contribuído sobremaneira para a formação das mesmas.

Quanto à avaliação, essa tem sido muito positiva. Os coordenadores da República apontam algumas mudanças no comportamento das mulheres quanto aos cuidados com a sua saúde e a de seus filhos, bem como no desenvolvimento da atenção e das relações sociais e de convívio. Por isso, concordamos com Afonso (2000) quando coloca que “o importante não é medir essa produtividade como se fosse um conteúdo escolar, mas sim, observar o crescimento do grupo diante da questão abordada e a melhora da qualidade de vida de seus participantes. O que é “pouco” para alguém pode ser “muito” para outra pessoa”.

Conclusões

“A conscientização implica... que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objetivo cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (Freire, 1980: 26).

No decorrer das práticas educativas, verificamos que as mulheres foram chegando às suas próprias conclusões, ajudando-se mutuamente no processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, ensinando-nos sobre como é viver diante das adversidades a que elas estão expostas. Em seus depoimentos, cheios de experiências de vida, temos tido a oportunidade de conhecer e aprender sobre temas que a faculdade não aborda. O momento da ação educativa acaba se tornando único e inesquecível, pois a cada dia aprendemos algo novo e o contato com as mulheres nos faz refletir e avaliar muito além da aprendizagem dos conteúdos.

O desenvolvimento do projeto tem-nos confirmado que esse processo de conscientização exige paciência, perseverança e um constante repensar as estratégias utilizadas. Também tem ampliado as possibilidades do trabalho acadêmico quando investimos em atividades extramuros que nos colocam em contato direto com um fenômeno de exclusão social, envolvendo a segregação e o desprezo dos “moradores de ruas”. Isso permite a melhor capacitação do aluno de enfermagem à medida que o forma para o enfrentamento das diferentes realidades que o mundo nos apresenta.

Ao olhar para trás, podemos verificar o quanto foi possível caminhar e construir a partir das necessidades vivenciadas durante o percurso e, acima de tudo, das dificuldades e emoções compartilhadas, tornando o trabalho uma oportunidade de enriquecimento para nós enquanto futuros profissionais críticos e sujeitos conscientes de seus direitos e deveres.

Devemos ressaltar que essa experiência aponta para a possibilidade de ampliarmos o horizonte de atuação do enfermeiro, apostar em novas propostas, verificando na prática que “o cuidado humano nasce de um interesse, de uma responsabilidade, de uma preocupação, de um afeto, o qual inclui o educar que, indissociáveis, implicam o ajudar a crescer” (Saupe, 1999). Percebemos que a Enfermagem pode ir muito além das práticas assistenciais e gerenciais através da incorporação de atividades educativas. Além disso, tem na construção do conhecimento um processo de seu fazer cotidiano, independente do cenário de atuação ou dos sujeitos de quem cuida.

É importante ressaltar que os resultados obtidos, só foram possíveis devido à dedicação, interesse e união do grupo de trabalho que acreditou em uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (Freire, 2002) e, por confiarmos na capacidade do outro de construir o seu caminho.

Referências bibliográficas

- AFONSO, L. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.
- BELO HORIZONTE. Secretaria da Ação Social da Prefeitura Municipal. I Censo de população de rua de Belo Horizonte. 1998, 75p.
- D’INCAO, M.C. Perdendo seus territórios. In: caderno do CEAS, Salvador, BA: CEAS, n.151, p.28-31, mai/jun. 1993.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 95 p.
- FREIRE, Paulo. Consciência e história: a práxis educativa de Paulo freire, antologia. São Paulo: Loyola, 1979. 148p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa. 24.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165p.
- MACHADO, V. Bases freireanas: falar de Freire, falar feito Freire ou deixar falar? Revista Espaço Acadêmico, n. 31, dez. 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/031/31pc_macahdo.htm>. Acesso em: 10 maio 2004.
- MESQUITA, M.P.M. População de rua provocada. 2001. 34f. Conclusão de curso (Monografia em Psicologia) _ Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SAUPE, R. Educadores-educandos construindo o projeto político-pedagógico. Texto Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.1, p.441-51, jan., 1999.
- VILLA, E.A. A concretude da atividade educativa do enfermeiro. O mundo da saúde, Belo Horizonte, v.24, n.5, p.380-386, set./out. 2000.